

# Ao Povo<sup>1</sup>

Adelino de Pinho<sup>2</sup>

Nota introdutória:

Adelino de Pinho, anarquista, natural de Portugal, foi um dos comprometidos militantes da primeira República em divulgar as concepções revolucionárias aos trabalhadores de seu tempo. Seu constante esforço em retirar os trabalhadores da apatia e incitá-los à ação, o qual eles responderam de modo positivo e efetivo, talvez nos ajude a entender a motivação de os editores de *A Plebe* resistiram em mais de 40 anos de publicações (inconstantes, porém, com muito vigor). Em 1919, no dia do



Capa de *A Plebe*, ano II, nº 11, 1º de maio de 1919.

trabalhador, Pinho de Riga, assim conhecido, publica o texto *Ao Povo*, escrito este,

<sup>1</sup> Texto retirado do Jornal *A Plebe* (São Paulo), ano II, nº 11, 1º de maio de 1919, p. 2.

<sup>2</sup> Adelino Tavares de Pinho nasceu no norte de Portugal. Foi guarda-livros e, posteriormente, professor. A militância anarquista teve início na cidade de São Paulo. Participou ativamente da implantação do Ensino Racionalista, idealizado por Francisco Ferrer, no Brasil. Ao lado de João Penteadado e outros anarquistas, concretizou a fundação da Escola Moderna nº 1 como fruto da Campanha pró-Escola Moderna. Em 1912, inaugurou a Escola Moderna nº 2 e, durante os poucos anos de existência da iniciativa, dedicou-se exclusivamente a docência e a direção do estabelecimento libertário. Em 1919, com o fechamento da escola imposto pelo governo, foi para o interior mineiro e continuou sua dedicação ao magistério de base anarquista na então pequena Poços de Caldas. Continuou a participar do movimento anarquista, escrevendo para periódicos libertários com o pseudônimo de Pinho de Riga e de Demócrito. Em 1953 participou do congresso anarquista realizado na Urca, depois viveu na Nossa Chácara, local nas proximidades da cidade de São Paulo que foi utilizada para abrigar, congregar e reunir anarquista em vários momentos do século XX. Pela escassez de documentos, não foi possível determinar as datas de nascimento e morte – Trecho de José Damiro de Moraes.

carregado de sentimentos e motivações que leve o movimento operário a agir de modo totalmente autônomo. Sem mais delongas, à leitura!

João Gabriel da Fonseca Mateus

\* \* \*

Meu irmão de padecimentos, de miséria e de sofrimentos, escuta o que te quero dizer.

Tens sido através dos séculos e da história o eterno ludibriado, sempre vilipendiado, desprezado e esquecido. Tudo que há de belo, de artístico e de grandioso, desde as pirâmides do Egito até as mais altas torres do universo, desde a abertura das mais rudimentares estradas de rodagem até as mais aperfeiçoadas estradas de ferro, desde a construção dos mais simples aquedutos e viadutos até as mais soberbas pontes metálicas do mundo, das simples canoas que consistiam num tronco de árvore escavado ou as singelas jangadas, paus amarrados entre si, até os mais rápidos, confortáveis e luxuosos transatlânticos, desde a choca do índio até aos mais belos palácios que os ricos e magnatas habitam, tudo, povo irmão, foi construído cimentado e elevado por ti.

Quem fia a lã, quem tece a seda, quem costura os lindos vestidos e os elegantes ternos que os burgueses vestem e as polidas botinas que os mesmos calçam? Tu, só tu, sempre tu.

E sendo tu produtor de toda a riqueza, de todo o conforto, de todo o luxo que os outros ostentam, nada possuis, nada gozas e nada usufruis? E por que esta disparidade de situação? Serás tu, feito de outra massa diferente da dos aristocratas? Não aspirarás também a gozar e a desfrutar um pouco daquelas facilidades que tornam a vida desejada, amada, divertida? Não sentirás desejos de lindos passeios, de boa música, de casa higiênica, de boa roupa e de filhos gárrulos como as andorinhas e rosados como lindas e viçosas flores? Não quererias que freqüentassem as boas escolas?

Sim, bom povo, tudo isso tu desejaras, mas os potentados e os sacerdotes de todos os tempos conservando-te na ignorância mais crassa e nas trevas mais densas, conseguiram incutir-te no espírito que sempre houve pobres e ricos, devendo aqueles trabalhar, suar e fatigarem-se para gaudío, proveito e benefício destes, os pançudos de todos os tempos, parasitas sociais, homens de presa, que quanto mais chupam e sugam o sangue dos trabalhadores e produtores, menos se saciam, menos se fartam, menos se abarrotam.

Mas sossega, meu irmão de sofrimento, povo do meu coração. Todo esse edifício social que te tem oprimido e servilizado está-se esfarelado a espera do teu esforço heróico e decidido para ser derrubado para nunca mais se levantar. E sobre os escombros desta sociedade corrupta e ladra levantar-se-á uma outra humanidade regenerada e livre a qual não será constituída de explorados e exploradores, de senhores e escravos, mas sim de irmãos, todos com iguais direitos e iguais obrigações, todos trabalhando e todos gozando dos produtos da comunidade livre, sem outros limites que não sejam o interesse, o bem estar e a harmonia geral de todos os produtores.

Saudemos a próxima aurora de tão radiante dia!